



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU
EM LÍNGUA E CULTURA TERENA**

DAIANE VILA CRISPIM

**O USO DA SALA DE AULA COMO MEIO DE
REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS MEDICINAIS**

D	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p> <p>DAIANE VILA CRISPIM</p>
V. CRISPIM	
REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS MEDICINAIS	<p>O USO DA SALA DE AULA COMO MEIO DE REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS MEDICINAIS</p> <p>Campo Grande/MS 2018</p>
2018	

DAIANE VILA CRISPIM

**O USO DA SALA DE AULA COMO MEIO DE
REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS MEDICINAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentando a
Universidade Estado de Mato Grosso Do Sul
Unidade Universitária de Campo Grande curso de
Pós-Graduação Lato Sensu Em Língua e Cultura
Terena, sob a orientação do professor Dr.
Wanderley Cardozo Dias;

Campo Grande/MS
2018

C949u Crispim, Daiane Vila

O uso da sala de aula como meio de revitalização das ervas
medicinais /Daiane Vila Crispim – Campo Grande, MS: UEMS, 2018.
24p.

Monografia (Especialização) - Língua e Cultura Terena -
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018.
Orientador: Prof. Dr Wanderley Dias Cardoso.

1.Aldeia Aldeinha (MS) 2. Ervas Mediciniais I. Cardoso, Wanderley
Dias II. Título

CDD 23. ed. - 372.357

DAIANE VILA CRISPIM

**O USO DA SALA DE AULA COMO MEIO DE
REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS MEDICINAIS**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Cardozo Dias

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me Celso Abrão dos Reis (UNEMAT)

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Prof. Dr. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

Prof. Dr. MarluCIA Francisca de Oliveira Cavaliheri
Martins

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe , Antonia Vila Benites, Aos meus irmãos Danielle Vila Crispim, Arthur Candelária Benites e Deivison Vila Benites.

Aos meus filhos amados Ryan Luiz e Bryan Crispim.

Ao meu esposo Welinton Luiz Ximenes da Silva .

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, primeiramente, por me sustentar em suas mãos diariamente.

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão nos momentos em que precisei estar ausente.

A minha colega de curso Irani Cancio pela parceria em nossos estudos e por não deixar me desistir.

Aos meus professores e a todos que, direta e indiretamente, contribuíram para que eu atingisse mais esse objetivo.

OBRIGADA!!!!

RESUMO

O presente trabalho baseou-se em pesquisas bibliográficas que investigaram questões norteadoras a respeito da revitalização do uso das ervas, utilizando a sala de aula como um dos recursos para o resgate da utilização das ervas. Foram analisadas questões conceituais sobre a história do povo terena e do povo da Aldeinha, assim como o uso tradicional das ervas medicinais, e o papel da escola, destacando a relevância tradicional do uso das ervas e valorização do uso na cultura do povo terena.

Palavras-chave: Terenas. Ervas Mediciniais. Sala de Aula.

ABSTRACT

This work was based on bibliographic research that investigated the guiding questions about the revival of the use of herbs, using the classroom as one of the resources for the use of herbs. Conceptual issues were analysed on the history of the people and of the people of Aldeinha terena, as well as the traditional use of medicinal herbs, and the role of the school, highlighting the relevance of traditional use of herbs and enhancement of use in culture of the terena people.

Keywords: Terenas. Medicinal. Herbs Classroom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	12
1.BREVE HISTÓRICO POVO TERENA.....	12
ALDEIA ALDEINHA.....	14
CAPÍTULO II.....	16
2. O USO TRADICIONAL DAS ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS.....	16
CAPÍTULO III.....	18
2. A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA.....	18
3.1 A REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS E PLANTAS POR MEIO DA ESCOLA.	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Com a realização deste estudo observamos que o uso das ervas e plantas medicinais esta acabando dentro da comunidade Aldeia Aldeinha, o estudo busca entender como isso ocorreu, quais os fatores que influenciaram e qual o papel da escola enquanto meio de educação

Sendo assim, esta pesquisa objetivou apresentar uma reflexão acerca dos costumes tradicionais, visando desde o inicio da chegada do povo terena.

Este trabalho, de caráter bibliográfico, está dividido em três capítulos e, no primeiro faz um breve histórico do povo terena.

No segundo capítulo foram abordadas a questão do uso das ervas e plantas medicinais.

No terceiro e último capítulo foi destacada a função da escola e a revitalização do uso das ervas e plantas por meio da escola.

Ainda neste mesmo capítulo, apontamos algumas atividades elaboradas pela escola afim de resgatar os valores tradicionais do povo terena, além de valorizar os conhecimentos dos anciões da Aldeia Aldeinha.

Enfim, apresentamos as nossas considerações finais acerca de todo o trabalho realizado e almejamos que esteja a contento e que possa contribuir com educação escolar indígena e com a cultura do povo terena.

CAPÍTULO I

1. BREVE HISTÓRICO POVO TERENA



O povo terena também chamados de tereneo, predomina na região sul - matogrossense como nas cidades de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Podemos dizer que encontramos famílias terenas também na região de Porto Murtinho (na terra indígena Kadiweu).

Segundo o IBGE – instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL/IBGE/2010), a população indígena no Brasil é da ordem de 817.963 indígenas, sendo que deste local, aproximadamente 80.000 indígenas vivem no estado de Mato Grosso do Sul, distribuídos em 8 etnias, sendo elas: Atikun, Guarani Nandeva, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinau e Terena.

Vejamos algumas áreas indígenas Aldeinha, Buriti, Dourados, Lalima, Limão Verde, Nioaque, Pilade Rebuá, Taunay/ Ipegue, Cachoeirinha, entre outras.

Quando se conta a história do povo terena devemos ressaltar um marco, sobre suas lutas e sua migração.

“ Eu tenho a história comigo, história do meu pai. Aqui na Cachoeirinha não havia ninguém.... Meu pai é daqui mesmo. O bisavô dele veio do Eêxiwa [região compreendida entre a margem direita do rio Paraguai e a chamada “morraria” de Albuquerque – hoje Corumbá – na margem esquerda do mesmo rio], meu pai contava. Eles tinham sido atacados por outros índios diferentes lá do Eêxiwa. Aí eles vieram de lá, atravessaram o rio Paraguai até Porto Esperança, atrás da morraria Ficaram um pouco perto de Corumbá e depois fizeram aldeia aqui, em Miranda... Naquele tempo não tinha purutuyé [brancos, portugueses], só mesmo índio Terena, Laiana, Kiniquinao, Echoaladi, Caduveo... (Felix, ancião morador da aldeia Cachoeirinha).

Marcando um tempo histórico de um determinado povo, momento esse em que os terenas ocuparam um vasto território de Mato Grosso do Sul, onde usavam a agricultura como fonte de renda e produção.

Nesse mesmo período tinha alianças com os Guaicurus e os Portugueses, alianças que foram quebradas com a então Guerra do Paraguai que iniciou se em 1864 onde os povos indígenas se aliaram para proteger e preservar seu território.

Com o término da Guerra do Paraguai em 1870 houve várias mudanças na vida dos indígenas, uma vez, que o povo terena perdeu grande parte de suas terras. E ainda tiveram que disputar com os fazendeiros (brancos) pois, esse tinha interesse em criar gados e pasto.

Já com o passar do tempo as coisas para os terenas não melhoraram pois, com a chegada de Rondon, comandante da comissão construtora das linhas telegráficas, iniciou – se a delimitação as reservas terenas. E a aproximação dos terenas com os purutuyé, ocasionou nas mudanças de hábitos e costumes.

Nesse período chamado então pelos terenas de período da servidão os terenas eram obrigados a trabalhar para os proprietários de terras privadas.

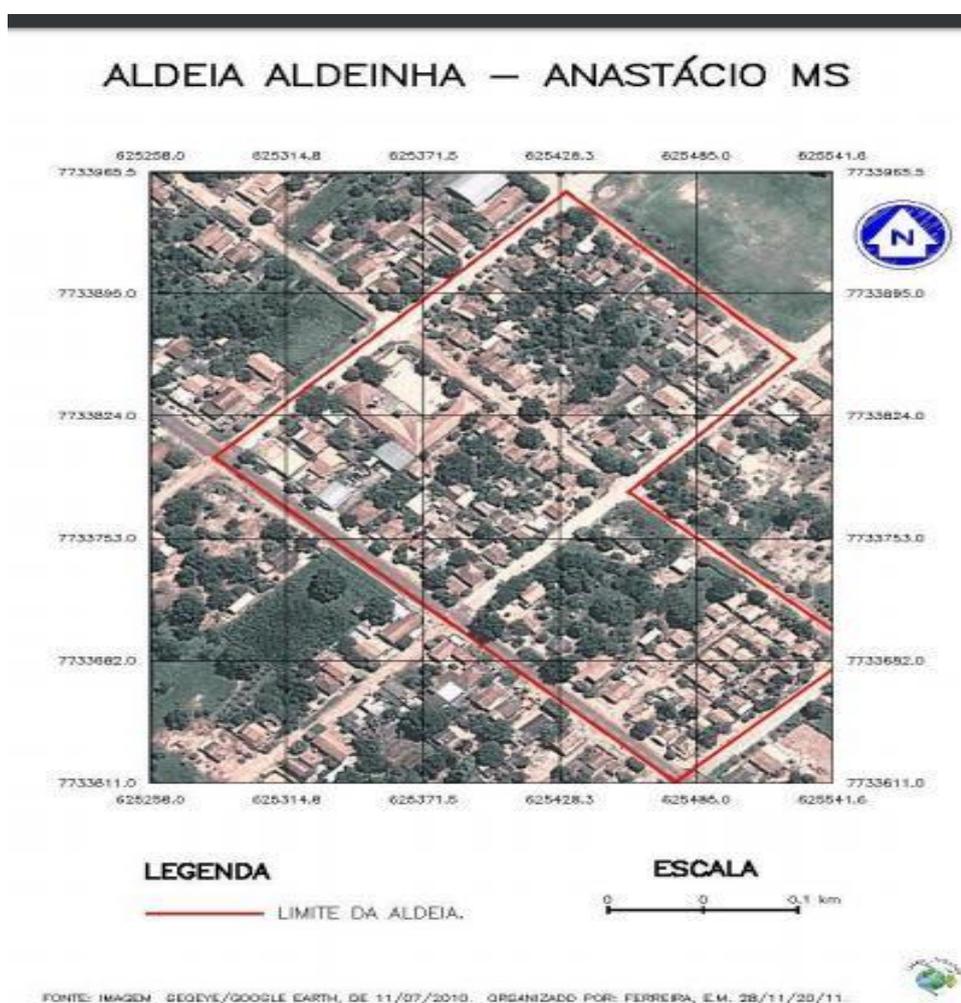
"O pessoal daquela época tinha medo porque ainda se lembrava do patrão que os chicoteava na fazenda. Quem se atrasava para tomar chá de manhã era surrado. foi o finado meu avô quem me contou. Como castigo o pessoal tinha que arrancar mato com a mão. Quando a comida estava pronta, eles mediam toda a sua tarefa. Eram quinze braças de tarefa e, mesmo não terminando a tarefa do dia, de manhã mediam outra tarefa, que acumulava" (João Martins Menootó, ancião de Cachoeirinha).

Atualmente ainda podemos perceber que muitas coisas não mudaram, com o uso da mão – de – obra indígena, ou a chamada Changa (trabalho temporário), pois, vemos que ainda é “requisitada” para fazer cercas, instalações, postes, carpina, entre outros serviços estes pagos com valor bem inferior ao real valor, ou na maioria das vezes pago com a chamada “

amizade” onde o índio cultivava uma pequena plantação que deve compartilhar com proprietário da terra.

Podemos dizer que quando se trata da história do povo terena, temos que buscar várias fontes, uma vez que podemos traçar suas histórias tanto com relatos e contos dos anciões quanto com registros históricos, ou/e em pinturas e tecelagem por contarem suas histórias através dos traços e das cores.

ALDEIA ALDEINHA



Aldeia Aldeinha localizada no Município de Anastácio, a 127 km de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, a Aldeia Aldeinha onde vive parte dos povos da etnia Terena se encontra em um contexto urbano. Em função do crescimento e avanço desordenado da população de Anastácio.

A aldeia iniciou – se com duas famílias família de Dona Umbelina e seu Zé coureiro, onde esse grupo de pessoas evangélicas faziam visitas aos irmãos da pequena Aldeia, surgindo assim o nome Aldeinha.

Dona Umbelina, veio da Aldeia Buriti, em 1932, com a matriarca vieram doze pessoas, e tinham como destino a terra indígena Cachoeirinha, no Município de Miranda, porém ao chegar a margem esquerda do rio Aquidauana, decidiram fixar suas raízes, onde construíram uma casa e fizeram plantações onde toda família cultivava produtos para a subsistência.

Segundo Pereira (2016), para a formação da Aldeinha houve a necessidade de fazer a documentação de muitos indígenas vindos de outras localidades (Registro de Nascimento Indígena - RANI), e para a revitalização da cultura houve a necessidade da vinda do chefe do Posto Indígena do Limão Verde.

Dona Dirce Nimbú relata que:

“Há teve sim, teve muitas coisas que aconteceu aqui, o tempo que era o cacique o finado Pedro Jorge ele lutou muito, mas tinha muitos pernambucanos que queriam invadir terra e muitos construíram suas casas porque falaram que já compraram o lugar, e não compraram porque esse lugar onde eles moram era... faz parte da Aldeinha, então o que o cacique fez, ele juntou as lideranças para poder recuperar esses pedaços que perderam e chegaram até arriscar a vida dele, e eles viviam... eles viviam cuidando o lugar porque os brancos já queriam é levar armas né... então, mas os índios não queriam isso, eles queriam mesmo somente o pedaço de terra que eles perderam, eles não queriam levar a vida arriscando, eles levavam pedaço de pau pra eles se proteger, né, porque era a única coisa que eles tinham para fazer nessa época, quando era o finado Pedro Jorge, mas ele conseguiu de volta os pedaços do terreno que ele luto.”

A população de Anastácio atualmente de diversas formas interfere na cultura e no uso da língua materna, pois, a não demarcação de terras tradicionais e aproximação com os purutuyé, fazem com que os moradores da Aldeia Aldeinha acabam não utilizando costumes e a própria língua materna, muitas vezes por vergonha.

Os anciões e educadores da comunidade tem um papel fundamental em passar as tradições e costumes do povo terena de geração a geração. Afim de multiplicar e não deixar morrer sua cultura.

“ É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”
(provérbio Africano)

O indígena terena tem orgulho de sua tradição, de sua história de seu povo, e de suas lutas.

A comunidade da aldeia aldeinha luta todos os dias para representar e preservar sua etnicidade, se esforçam para reproduzir, manter e valorizar a cultura do povo terena, assim como afirmam que a Aldeia Aldeinha não é urbana e explicam que tudo era área rural, e com o processo de urbanização da cidade de Anastácio foi sendo rodeada pela cidade, o que acarretou na perda de alguns costumes e tradições terenas.

CAPÍTULO II

2. O USO TRADICIONAL DAS ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS

Na cultura indígena, é antigo o costume de curar as pessoas com remédios naturais, assim como leva lá para que um curandeiro ou feiticeiro abençoar essa pessoa. Prática feita tanto pelas mulheres quanto pelos homens, colher sementes, folhas e raízes para tratar de um ente na comunidade, o não contato com os purutuyé fazia com que buscassem recursos naturais oferecidos pela natureza, os conhecimentos das ervas se dava aos anciões, pois, sabiam como deviam fazer e a quantidade para tomar.

O conhecimento sobre as plantas e ervas medicinais é milenar e passa de geração para a geração, os indígenas têm um contato totalmente especial com a natureza e entende que ela retribui dando os esses presentes, curar não é somente entregar uma planta na mão da pessoa, e sim entender todo ritual e ter o máximo de respeito com a mãe terra.

Relatos contam que antigamente e nos dias de hoje os terenas acreditam em Koixomoneti, pois mantêm um grande poder, os terenas conseguem entrar em contato com os espíritos e por esse motivo exercem um grande respeito, acreditam que os espíritos protegem seu povo.

Taunay nos conta que:

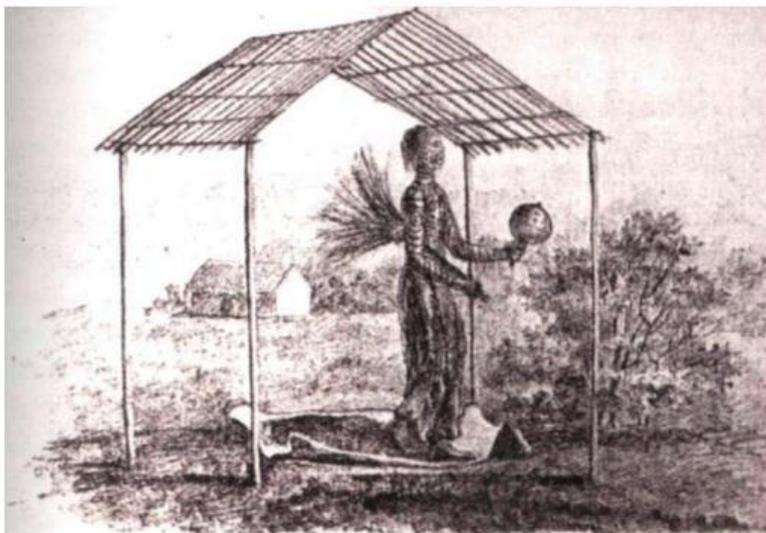
Nos dias em que estive na aldeia Terena, os koixomuneti cantavam o tempo todo, pelos mais variados motivos: "cantavam para as colheitas, para a chuva parar, para a chuva cair, para o milho pendoar. Cantavam a noite inteira, fazendo previsões e conversando com o macauã".

Taunay chamava os koixomuneti de "padre índio":

"O padre, para suas vigílias, veste-se de uma julata ornada de lantejoulas e presa à cintura por uma espécie de lalim de contas. Pinta o tórax, braços e

cara com jenipapo e urucum. Estende um couro diante da porta de sua choupana e nele caminha, lenta e compassadamente, avançando e recuando a cantar, ora estrondosamente, ora em voz baixa e monótona, com o acompanhamento de um chocalho, que agita à mão direita. À esquerda empunha um espanador de penas de ema, bordado com desenhos caprichosos."

Desenho feito por Taunay “ conversa entre Koixomoneti e Macauã”



Cerimonia religiosa dos Índios Guanás, 1866.

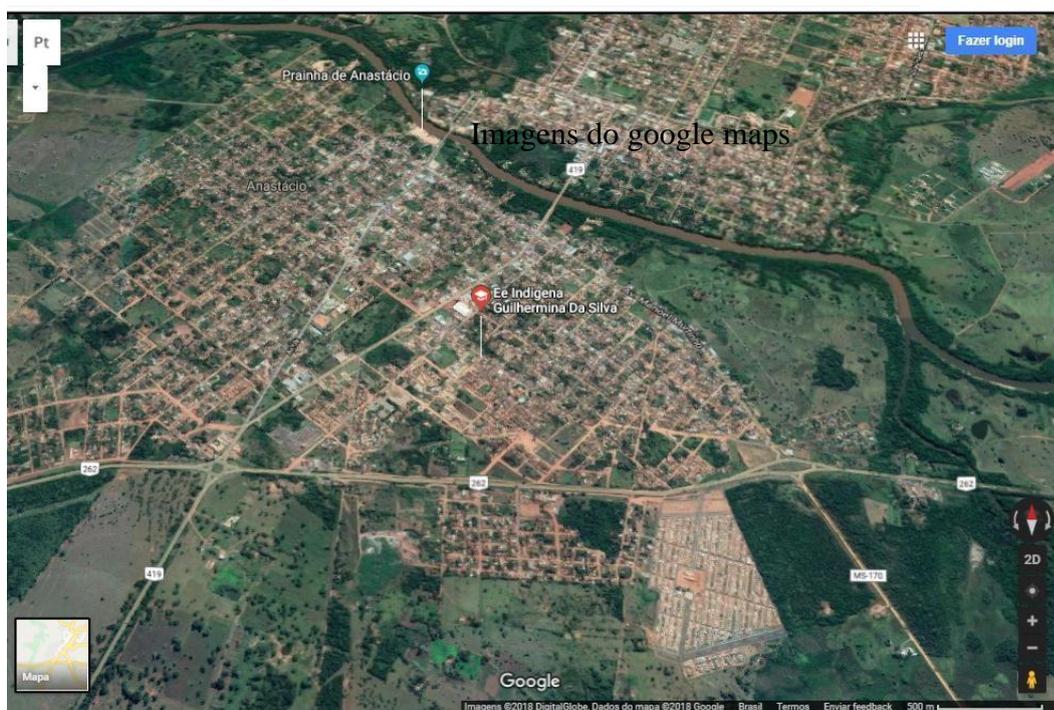
"Dois koixomoneti estavam se insultando, cada um dizendo que o outro não sabia nada. Um deles para mostrar que sabia mais que o outro, deu um jeito para virar a ema que está no céu. Aí veio uma tempestade, escureceu muito e começaram a descer do céu, no meio da chuva, passarinhos de duas cabeças, patos de duas cabeças, gansos de duas cabeças, carão de duas cabeças. Estava a nuvem tão baixa que a gente ouvia a fala de criança em meio desta nuvem. Quando o outro koixomoneti viu que não podia com ele, o mais forte sacudiu o chocalho de cabaça, itakaná, e aí parou a chuva, os pássaros foram embora e limpou o tempo. A ema ficou no céu como o koixomoneti mais forte a tinha virado" (Antônio Lulu Kaliketé, 1947, Araribá, SP)

Com base no autor podemos destacar que a crença nos espíritos e na natureza é uma relação forte entre os indígenas, onde sempre buscam proteger, cuidar e preservar, seu povo.

Antigamente era costume os indígenas realizarem cultos tanto em agradecimentos, quanto para invocar espíritos, o uso tradicional das ervas e plantas medicinais, era basicamente uma forte relação entre o curandeiro, os espíritos e a natureza.

CAPÍTULO III

1. A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA.



(Localização da escola)

A Escola está situada na Aldeia Aldeinha em Anastácio MS, recebeu este nome em homenagem a uma das primeiras famílias a se instalar na Aldeinha.

Segundo Cacique Flávio houve a necessidade da construção da escola, pois havia muitas famílias com crianças que necessitavam estudar, então em 2001 foi solicitada pelo Cacique Flávio a construção da escola, entretanto a construção iniciou se somente em 2004, e segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola relata que:

“No dia 11 de março de 1992 “foi instalado a pré-escola no barracão da igreja Assembleia de Deus, na residência do Sr. Daniel Jorge, com a presença do Sr. José Godim Lins Neto, procurador educacional da FUNAI, e a professora Ozaida de Oliveira e Lino Luís, chefe de posto”.

E no primeiro dia de aula, as crianças tiveram o lanche e materiais escolares provenientes da FUNAI, após o procurador educacional e professores estiveram comunicando a prefeitura municipal sobre a abertura da pré-escola exclusiva para as crianças indígenas,

mas as instalações eram inadequadas, pois as mesas eram o banco e as crianças ficavam ajoelhadas para escrever em seus cadernos, este fato perdurou por dois anos, tendo como corpo docente Prof.^a. Ozaida de Oliveira Luiz, Valdir João, como merendeiras voluntárias: Ivanir Nimbú e. Margarida Pereira. E após o S.r. Valdir João assumir o Posto da FUNAI, assumiu como professora a Sr.^a Dóris Paulo. No ano de 1993 com apoio do delegado da FUNAI Raimundo Nonato Rosa é que conseguiram trazer o primeiro benefício para a comunidade, o Posto Indígena, e para os alunos de pré-escola e da 1ª série, recebendo provisoriamente o nome de Escola Municipal "Ventura Jorge", em homenagem ao morador mais antigo da aldeia Aldeinha.

Com o aumento da demanda, em 1994 houve a necessidade de ocupar espaço maior, instalando-se no espaço físico da Igreja Luterana do Brasil, fora da aldeia. Os professores desta época foram: Dóris Paulo Ortiz indígena Terena, Sarita de Oliveira Andrade indígena Terena, Maria José Ferreira e Georcenita. Em 1996, se 7 O Projeto Político Pedagógico foi concluído no ano de 2015. instalaram nas salas da Igreja Uniedas, ficando ali por dois anos. Em 1998, retornaram para Aldeinha com duas salas de aulas construídas pela comunidade, na gestão do cacique Félix, Sr.^a Aparecida de Oliveira Bugarim, Presidente da Associação de Moradores, onde ficaram assim distribuídas: 1ª e 2ª séries no período matutino, 3ª e 4ª série no período vespertino, e Alfabetização para Jovens e Adultos no período noturno, com professores cedidos pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Anastácio.

Em 1998, com a eleição do cacique Flávio Pereira, a comunidade juntamente com a liderança, finalizou a construção do projeto da escola. Neste período a escola passou a ser extensão da Escola Municipal Jardim Independência, tendo como parceira a Prefeitura Municipal de Anastácio, no pagamento de água, luz, funcionários e materiais escolares.

Em 2001, com a reeleição do cacique Flávio Pereira, inicia-se o projeto para a construção de uma escola indígena.

No ano de 2002, foi demolida a escola devido à precariedade para construção de um novo prédio, a escola novamente volta para a Igreja Uniedas.

O ano de 2003, inicia-se a construção da escola com estrutura de madeira, que foi vetada pela comunidade, encaminhou-se um novo projeto para o Estado e em 2004, inicia-se a construção de fato da escola que atenderia o anseio da comunidade, contendo: quatro salas de aula, uma sala de professores junto à secretaria, uma cozinha e dispensa, um refeitório, dois banheiros para atender os alunos especiais e uma quadra de esporte. ”

Hoje a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva atende alunos indígenas e não indígenas, todos eles em todas suas necessidades.

Conforme Pereira 2016 descreve o relato abaixo, do Sr. Flávio Pereira Martins. “... nós fizemos o projeto quando na época do Seu Elias, e seu Felix foi cacique também, os dois ex-caciques, nós todos trabalhamos juntos, eu fazia parte da liderança e criou um projeto da escola indígena, e nenhum dos dois quando foram cacique eles conseguiram desmembrar o projeto, ai no ano de 2000 eu entrei de cacique na Aldeinha, ai primeiro trabalho que a gente correu para a Aldeia, sobre a educação, ai comecei ir pelos deputados, Governo do Estado, e Brasília Governo Federal, a gente conseguiu o projeto ser desmembrado e construir a escola que hoje é a Escola Guilhermina da Silva, é uma escola indígena e vinculada ao estado, e hoje estamos ai com uma escola muito, uma escola voltada para o índio trabalhar professores e achamos que a educação é o principal para que desenvolve tanto a politica e descobri sempre dos nossos direitos pela educação...no meu trabalho nos escolhemos cinco nomes e esses cinco nomes é entregue pela liderança e a comunidade escolheu que foi o nome da Dona Joaquina... e escolha também da índia Guilhermina da Silva, desses cinco nome que saio... saio na votação o nome da Guilhermina e pelo nome da Guilhermina eu gostei muito porque ela foi uma mulher, uma índia fundadora da Aldeinha, moradora muito tempo, muito antiga, e ela era uma mulher muito respeitosa que acolhia muitos patrícios que vinha de fora, e ele era uma mulher muito respeitada, tinha muito consideração aqui na Aldeia, então dessa forma que foi escolhido o nome dela para a escola Guilhermina da Silva, como antigamente tinha o nome da escola Umbelina Jorge, era nome de uma índia também ficou o nome da escola da Aldeinha Guilhermina da Silva ...” Flávio Pereira Martins.

A escola recebe alunos indígenas, aldeados, desaldeados e purutuyé, pelo fato de se encontra na área urbana da cidade de Anastácio. Atualmente o corpo docente se faz de indígenas e purutuyé, a escola sempre esta de portas abertas a comunidade, podendo utilizar o espaço sempre que preciso, inclusive aos finais de semana.

A escola oferece ensino fundamental (séries iniciais), ensino fundamental (séries finais), e EJA Conectando saberes (séries iniciais) EJA Conectando saberes (séries finais), dividido em três períodos, sendo eles matutino, vespertino e noturno.

3.1 A REVITALIZAÇÃO DO USO DAS ERVAS E PLANTAS POR MEIO DA ESCOLA.



Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva - atualmente

A escola trabalha incessantemente para valorizar e promover os hábitos e costumes indígenas, pois, conscientizam as crianças que precisam aprender, para que a tradição não morra dentro da aldeia, trabalha com os alunos indígenas e não indígenas diversos aspectos, como palestras, passeio na comunidade, projetos de resgate e valorização, assim como trás os anciões para dentro da comunidade para que possam explicar e conversar sobre a história e tradição de seu povo.



Palestra na escola sobre remédios

“ essas crianças precisam aprender, daqui uns dias vai ser elas que vão fazer, eu gosto de fazer meus chás, e lá em casa todo mundo toma, faz bem pra saúde né, faz bem para as pessoas”

A escola busca sempre valorizar a cultura a tradição, os costumes e crenças, tanto nos alunos indígenas, quanto nos alunos não indígenas, e ressalta que os anciões da Aldeia e as crianças são os verdadeiros tesouros da nossa comunidade. Uma vez que os anciões obtêm muitos conhecimentos tradicionais e históricos, as crianças são a futura geração daquela comunidade terena Aldeia Aldeinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa foi possível observar as características relevantes da história do povo terena e entender suas lutas, seus costumes e suas tradições.

É de suma importância exaltar que a concretização desta pesquisa só foi possível com o apoio das lideranças, com o apoio da direção e coordenação escolar, como também das famílias da Aldeia Aldeinha que receberam em suas residências de uma maneira cordial assim como com o total apoio do cacique Flávio Pereira.

Considerando que a pesquisa aponta que com o crescimento desordenado da população Anastaciana ao redor da Aldeinha, e que a população Terena que ai vive, sobreviveu e sobrevive em constante luta para manter a tradição e cultura do povo terena, é preciso evidenciar que são os mestres tradicionais Terena da Aldeinha, os detentores dos conhecimentos tradicionais da etnia Terena, é que são o alicerce para a manutenção da cultura tradicional Terena, tendo na escola um lugar onde esses conhecimentos, esses saberes tradicionais podem ser trabalhados como forma de aliar a educação indígena. Este trabalho busca contribuir com a revitalização tanto das ervas e plantas quanto com a revitalização dos costumes culturais do povo Terena.

Diante do exposto, nesta pesquisa, entendeu-se a necessidade urgente de se efetivar e assegurar os direitos e o uso dos costumes tradicionais nas famílias terenas, destacando sempre que o aprendizado das crianças é a semente para o nosso futuro.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria. **A história do povo Terena.** / Circe Maria Bittencourt, Maria Elisa Ladeira. - Brasília : MEC, 2000. 156p. : ir.

CARVALHO, Fernanda. **A Koixomuneti e outros curadores : xamanismo e práticas de cura entre os Terena.** São Paulo : USP, 1996. (Dissertação de Mestrado)

_____. Ministério da Saúde. Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI). **Polo Base de Aquidauana (MS), 2015**

Ministério do Planejamento, **Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010**

MATO GROSSO DO SUL. **Escola Estadual Guilhermina da Silva. Projeto Político Pedagógico.** Anastácio/MS. 2015

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. **Memórias e histórias da etnia terena da Aldeia Aldeinha, Anastacio (MS) 2016.**

SOUZA, de I. **Povos Indígenas e a diversidade linguística Diversidade cultural: plurilinguismo, línguas indígenas no Brasil e em Mato Grosso do Sul.** In: URQUIZA, Antônio H. A. (Org.). **Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadoria de Educação Aberta e a Distancia. Modulo 2, Marcos conceituais referentes à diversidade sociocultural. Campo Grande (MS), 2010